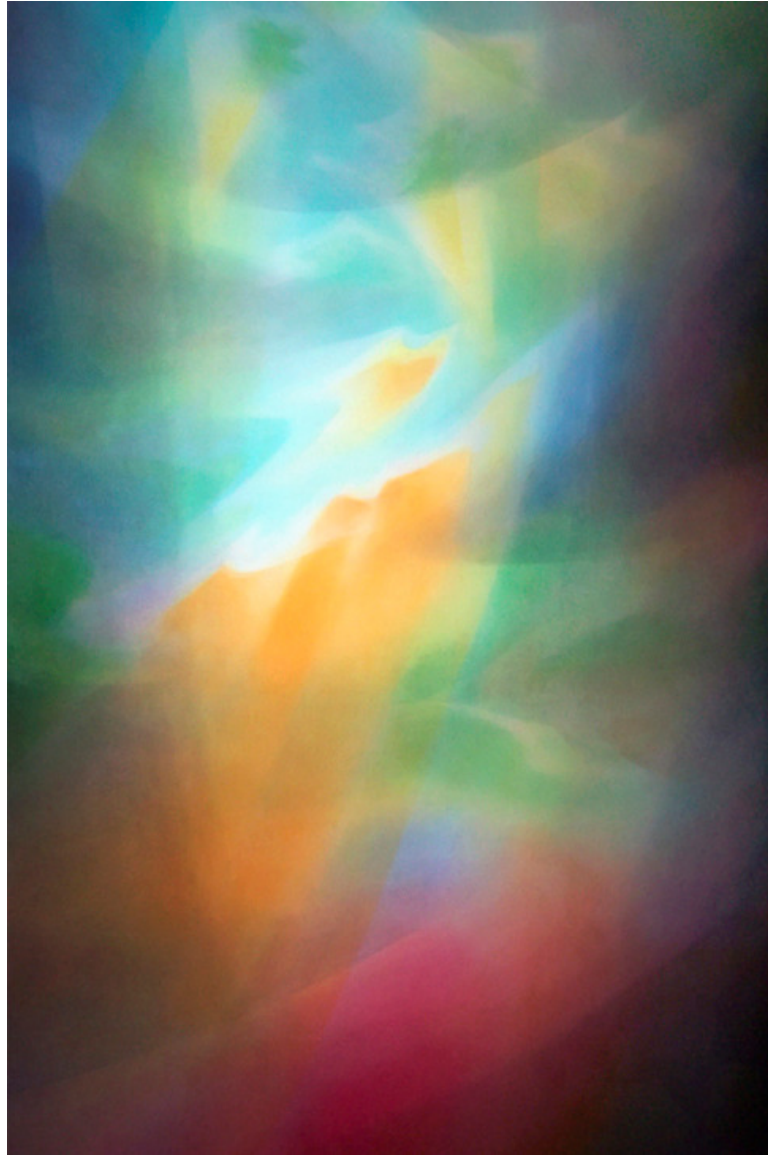


## Os anjos existem – parte 2

# As hierarquias esquecidas

© 2014 Raul F. L. C. Guerreiro, Pedagogo Waldorf



*Imagem: Copyright Roland Tiller [www.atelier-tiller.de](http://www.atelier-tiller.de)*

A classificação das entidades angelicais foi praticada em todas as religiões ocidentais (Zoroastrismo, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) segundo um sistema de 4, 7 ou 12 hierarquias, refletindo em geral as antigas concepções cósmicas gregas ou persas. Todas as outras religiões do mundo, em todos os tempos e às vezes de maneira complexa e aparentemente desordenada, assumem fundamentalmente a “presença de entidades invisíveis” como uma parte integral da condição existencial do mundo. Tanto quanto se sabe, Dionísio o Areopagita, uma personalidade grega que foi convertida ao

cristianismo pelo apóstolo Paulo, foi o primeiro a sistematizar o Coro dos Anjos segundo 9 hierarquias, usando a fórmula “3 x 3” (três entidades distribuídas em três grupos). A primeira e mais elevada hierarquia é a dos Serafins, Querubins e Tronos – seres que, segundo a tradição, se encontram “perante a face mesma de Deus”. Segue-se um grupo intermediário – Potestades, Virtudes e Domínios – e por último as entidades mais próximas do homem: Arqueus, Arcanjos e Anjos.

Em muitas culturas antigas – por exemplo, a azteca, maia ou indiana – fala-se intensamente de variados “deuses”, em geral emplumados, os quais são afinal um retrato destas hierarquias na sua ação interveniente nos destinos humanos. Um exame rigoroso da mitologia grega demonstra que seus “deuses” eram sobretudo entidades específicas das hierarquias mais próximas do homem: os anjos e os arcanjos. Nos primeiros tempos da cristandade, o sólido conhecimento das relações entre homens e anjos fazia parte da prática natural da vida religiosa. Nos seus capítulos de abertura, todos os livros do novo testamento falam de um anjo. Além disso, especialmente no caso da hierarquia mais íntima do homem, sua presença era percebida em visões, em estados semi-oníricos, ou em arrebatamentos de êxtase. Com o passar dos séculos esse vínculo se perdeu, e o conhecimento das nove hierarquias caiu em esquecimento. Em suma, os anjos foram “deixados para um canto”. Hoje em dia, até em círculos docentes de universidades teológicas se pode ouvir gracejos irônicos acerca desses “adornos religiosos” espalhados por todo o novo testamento.

A razão desse aparente “eclipse dos anjos” se deve, por um lado, ao fato que os homens realmente já não conseguem perceber os mesmos diretamente na intimidade da sua alma (isso era o caso em tempos remotos, quando uma certa clarividência constituía um atributo natural e involuntário das pessoas). Por outro lado, nossa moderna cultura, fundamentada sobretudo na dogmática experiência materialista sensorial, provoca um desinteresse por tudo que esteja acima dos sentidos. Isso pode chegar até ao ponto de muita gente gostar de alcunhar de “ridículo”, “esotérico” ou “irracional” qualquer coisa que se apresente com um caráter superior. A personalidade de Bultmann, um teólogo alemão protestante do início do século 20, ocupa um lugar central entre os promotores de uma pretensa onda de “desmistificação” da visão religiosa do mundo. Isso veio afinal colaborar exatamente para o crescimento desmesurado do atual materialismo científico, e daí o conseqüente empobrecimento da cultura religiosa, em termos de verdades espirituais fundamentais.